

## VISÃO E ESTRATÉGIA

**\*Roberto Rodrigues**

Historiadores do mundo todo tem se debruçado sobre estudos que expliquem as causas da queda dos grandes impérios e das grandes organizações. Entre eles se destaca o inglês Paul Kennedy, autor de vários trabalhos enfocando a ascensão e queda das potências ao longo da história.

Segundo ele, dois problemas emergem como as principais fontes de poder e dominação e ou afirmação das potências em uma determinada época.

- Fatores econômicos e tecnológicos.
- Fatores estratégicos e militares.

Mas ele mesmo reconhece que além destes dois, há sempre uma multiplicidade de razões que afetam o poder relativo de uma Nação ou grupo de Nações frente ao conjunto de todas elas, para mais ou para menos. Entre eles, podemos citar a geografia do país, sua população (tamanho, educação, saúde), a riqueza, a organização militar, a liderança interna e a coalizão nacional, e ainda as alianças que o país faça com outros, vizinhos ou não. No entanto, para Paul Kennedy, dada a prevalência dos dois temas apontados, emerge um dado preponderante que é a estreita relação entre a economia e a estratégia. E aí o poder militar tem papel importantíssimo.

Neste ponto há uma questão central: a riqueza de uma Nação é fundamental para que ela possa sustentar um forte contingente militar. E este poder militar precisa ter suficiente capacidade de defender e proteger a riqueza do Estado e da Nação. A grande sabedoria, então, está no equilíbrio entre as duas faces desta mesma moeda: a riqueza e o poder militar. Se o Estado direcionar mais sua riqueza para propostas militares e não para criar mais riquezas, perderá poder no longo prazo; mas, se ele estender sua riqueza exageradamente, poderá perder a capacidade de controlar o “império”, entrando em decadência.

A partir destas premissas, pode-se entender as quedas de grandes e notáveis Impérios. E, com toda certeza, a análise acabaria encontrando uma decisão – ou conjunto delas - errada, tomada pelo governante, imperador, presidente, seja lá o que for. Em outras palavras, erros estratégicos podem determinar a ruína de impérios poderosos e aparentemente indestrutíveis.

Tudo isso está claro.

O que não é tão claro, porque os estudos a respeito não são tão abrangentes, é a razão pela qual países ou sociedades que vinham em um processo de avanço e crescimento, de repente ficam para trás.

Temos um vizinho que já vivenciou isso, e há pouco tempo: no começo do século passado a Argentina era o país mais promissor do Planeta, e era uma das suas 5 maiores economias. Em 1950 o PIB argentino era igual ao brasileiro. Hoje é menor que o de São Paulo.

Vamos mais longe: em 1850, a China e a Índia eram metade do PIB mundial!

Que aconteceu? O que explica a parada, o freio brusco, a interrupção de um processo que sinalizava uma liderança formidável?

Com certeza a razão será a mesma: erro de estratégia, falta de visão das lideranças, incompetência e prepotência. Em algum momento da história, os responsáveis pelo destino do país não perceberam a grandeza de suas oportunidades, não entenderam os horizontes possíveis e erraram feio. Talvez corrupção e burocratização excessiva também ajudassem nisso.

Pois bem.

O Brasil é hoje olhado como a grande potência agropecuária emergente. A OCDE espera que nossa produção de alimentos cresça 40% em 10 anos para que o mundo consiga crescer a metade, 20%.

Na área de energia renovável então, a expectativa sobre nós é ainda maior.

Isso tudo porque já conseguimos fazer uma importante parte da lição de casa, na área tecnológica, na área de gestão, colocando o país na vanguarda mundial da produção de alimentos com sustentabilidade.

Mas falta muito. Falta a tal estratégia. Faltaria visão aos governos? Lá de fora somos vistos como a grande solução para a fome global. E nós não parecemos compreender que nos pedem para assumir a liderança para isso.

Quando nos daremos conta deste grande destino? Ou será que vamos, como outras nações no passado, perder este trem?

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**